

PERCURSO DE INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL DA



PRAIA GRANDE E ZONA ENVOLVENTE

Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território
e do Desenvolvimento Regional

Comissão de Coordenação
e Desenvolvimento Regional do Algarve



Ficha Técnica

Edição da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve - CCDR Algarve

Autoria da Universidade do Algarve e da CCDR Algarve

Ilustrações de Jacinta Fernandes (páginas 11 e 12) e de Paula Gaspar (páginas 7 a 8 e 13 a 30)

Cartografia de Renato Martins

ISBN: 978-972-99928-7-2

Concepção, paginação e produção Logicamente - Albufeira

Tiragem: 2000 exemplares

Depósito legal n.º 271566/08

Todos os direitos reservados, não é permitida a reprodução dos conteúdos ou imagens desta página, sem prévio conhecimento dos proprietários, excepto de pequenas partes e apenas para fins pedagógicos, quando devidamente identificada a origem.

Introdução.....	5
Geologia.....	7
Lagoa dos Salgados.....	9
Zona Húmida dos Salgados.....	14
Foz e Sapal da Ribeira de Alcantarilha.....	20
Cordão dunar.....	23
Pinhal.....	27
Campos Agrícolas.....	29



LEGENDA

Percursos de interpretação

PERCURSO POENTE

- Estações
- ① Informativa
- ① Campos Agrícolas / Moinhos
- ② Pinhal
- ③ Sapal da Rib. de Alcantarilha

PERCURSO NASCENTE

- Estações
- ① Informativa
- ① Zona húmida da L. dos Salgados /
Miradouro - Obs. Aves
- ② Lagoa dos Salgados
- ③ Campo Dunar

LEGENDA GERAL

- Zona Húmida
- Duna
- Pinhal
- Campos Agrícolas
- Praia - Areal
- Cursos de Água
- Acessos
- Estacionamento
- Passadiços
- Ligação entre os Percursos

INTRODUÇÃO

A baía de Armação de Pêra constitui um acidente geomorfológico notável do litoral do Algarve, um dos raros retalhos de acumulação no Barlavento. Nesta baía litoral, para onde drenam as Ribeiras de Alcantarilha e Espiche, acumula-se uma praia contínua, suportada por robusto cordão dunar activo. Esta situação de interface entre a terra e o mar, as águas doces e marinhas, o litoral rochoso e arenoso, conferem a este local características ecológicas particulares. A diversificação de substratos conduz a uma variedade de habitats, que albergam uma fauna com elevado valor conservacionista.

Para além das características próprias da zona húmida envolvente da Lagoa dos Salgados para albergar e favorecer a presença de valiosa avifauna, o espaço circundante presta igualmente um importante papel como suporte de vida animal. Os espaços agrícolas, o sistema dunar da Praia Grande, o pinhal e o sapal de Alcantarilha, desempenham funções ecológicas importantes, que, no seu conjunto, contribuem para o equilíbrio e biodiversidade local.

Um percurso pedonal de interpretação ambiental é proposto aos visitantes da Praia Grande, de modo a desfrutarem, dispondo de informação sistematizada, das paisagens e valores naturais existentes. O percurso encontra-se repartido por dois trilhos pedonais, com cerca de dois quilómetros cada, independentes mas que se complementam. O trilho Nascente é circular, com regresso ao ponto de partida, ou com ligação ao percurso Poente. Cada um dos trilhos prevê a existência de três estações temáticas, assinaladas pela presença de um painel informativo.

Estações do Trilho Poente: 1) Campos agrícolas; 2) Pinhal e 3) Foz e sapal da Ribeira de Alcantarilha.

Estações do Trilho Nascente: 1) Cordão dunar; 2) Lagoa dos Salgados e 3) Zona húmida dos Salgados.

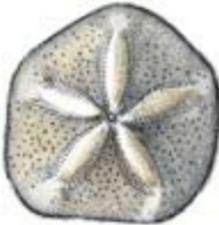
O percurso demora duas a três horas a percorrer, em passo de passeio e presupondo paragens de dez a quinze minutos junto de cada painel, para descanso e leitura dos mesmos. A ligação entre os trilhos Nascente e Poente pode ser feita através de um passeio de menos de um quilómetro ao longo da praia ou por um caminho de terra que segue ao longo da interface entre o sistema dunar e os campos agrícolas, ligando as zonas húmidas dos Salgados e de Alcantarilha.

O percurso segue sempre por caminhos, carreiros e trilhos de terra ou areia, que não apresentam dificuldade. Deve seguir sempre pelos trilhos sugeridos ou marcados no terreno, de modo a evitar o pisoteio de zonas adjacentes e, deste modo, contribuir para a preservação dos valores naturais presentes.

Deverá prevenir-se previamente contra a radiação solar (chapéu e protector solar), levar calçado apropriado e alguns mantimentos para o passeio (especialmente líquidos). Um par de binóculos, uma máquina fotográfica ou mesmo uma lupa, poderão constituir acessórios úteis, que tornarão as observações mais interessantes.

Em contraste com o litoral de arriba que se estende para Ocidente, na Praia Grande as rochas carbonatadas desaparecerem sob areias actuais, ocorrendo apenas como afloramentos dispersos. Estes afloramentos de biocalcarenitos do Miocénico Inferior, com idade aproximada entre 12 a 13 Milhões de anos, são constituídos na base por um calcário algal, com grande abundância de rodólitos e pectinídeos.

Fóssil de ouriço-do-mar



Fóssil de ostra



Fóssil de dente de tubarão



Concheiro (sedimentos carbonatados com 12 a 13 Milhões de anos)

No topo observam-se briozoários, gastrópodes e bivalves, que alternam com níveis mais arenosos. Este tipo de sedimento indica que as estruturas sedimentares terão sido formadas em ambiente marinho costeiro, de águas mais quentes que as actuais, correspondente a um primeiro ciclo de sedimentação, numa fase transgressiva (subida do nível do mar e recuo da linha de costa para o interior, relativamente à posição que actualmente ocupa).

Num período regressivo posterior (Miocénico Superior), em que o nível do mar baixou, a unidade carbonatada foi sujeita a intenso processo de carsificação e sobre ela depositaram-se sedimentos areno-argilosos, com 5 a 11 Milhões de anos. Sob as cristas dunares da Praia Grande afloram, por vezes, vestígios destes depósitos que cobriram os biocalcarenítos.

A linha da arriba rochosa que define a baía de Armação de Pêra é interrompida na Praia Grande para dar lugar a um robusto sistema arenoso dunar, que fossiliza uma duna antiga, acumulada há cerca de 3500 – 4000 anos (Holocénico). Os eolinitos, constituídos por areias de grão grosseiro e fino agregado por cimento carbonatado, que afloram de forma dispersa no interior do campo dunar actual, são vestígios dessa duna fósil cimentada.

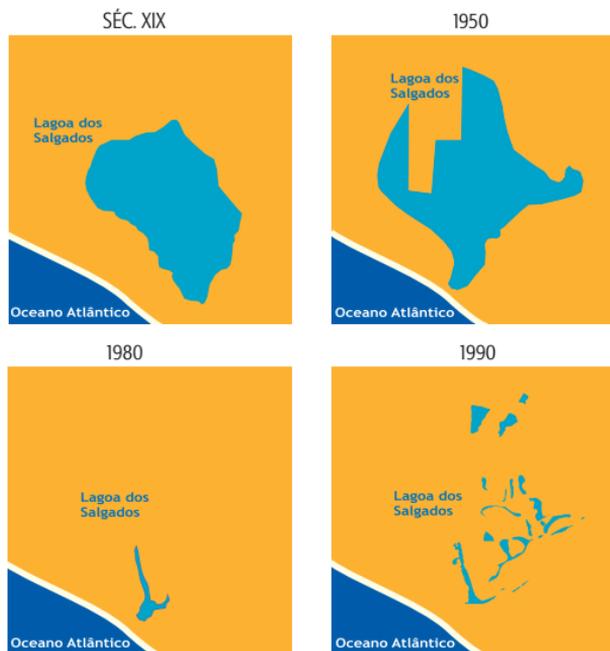
Afloramentos de sedimentos areno-argilosos (idade 5 a 11 Milhões de anos), sob uma crista dunar erodida, com *Ammophila arenaria*



Armeria pungens associada aos eolinitos aflorantes (vestígios da duna antiga, com mais de 4.000 anos, fossilizada sob a duna actual).

LAGOA DOS SALGADOS

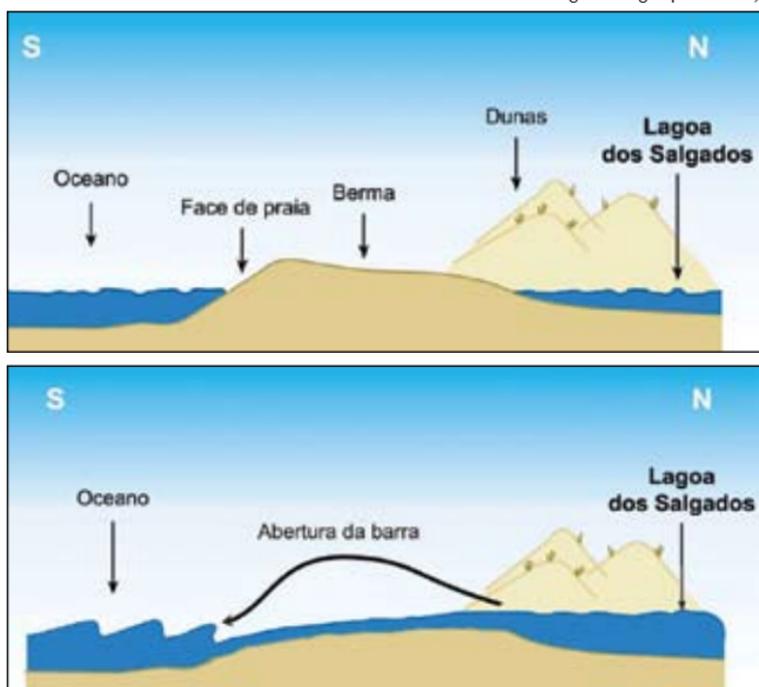
A Lagoa dos Salgados é um ecossistema aquático costeiro, pouco profundo e de características essencialmente salobras, instalado numa pequena depressão do terreno existente no troço terminal de uma bacia hidrográfica de pequenas dimensões. Corresponde ao estado terminal de colmatação de um sistema estuarino-lagunar, presumivelmente Holocénico. Separada do Oceano Atlântico pela presença de uma barreira arenosa, a lagoa é alimentada por duas linhas de água doce, as Ribeiras de Espiche e de Vale Rabelho.



Evolução da mancha de água da lagoa nos últimos cem anos. A mancha de água cartografada para o séc. XIX e anos cinquenta corresponderá à lagoa e zona inundável, sendo visível na imagem de 1950 a área drenada para aproveitamento agrícola. A cartografia relativa a 1980 e 1990 identifica apenas o corpo de água lagunar.

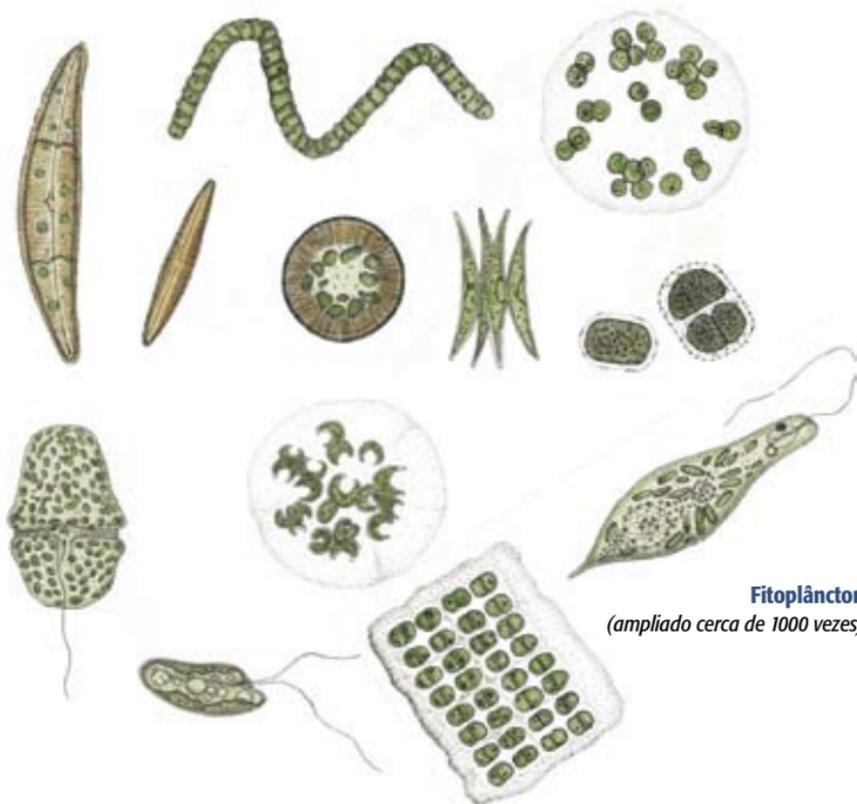
O sistema lacustre é alimentado quase exclusivamente pela água proveniente do escoamento superficial transportado pelas ribeiras afluentes que, em regime natural, é reduzido e temporário (associado a períodos de precipitação, normalmente concentrados no Inverno). Com o contributo das descargas contínuas de águas residuais na Ribeira de Espiche, a entrada de água na lagoa tornou-se permanente (corresponde a um aumento de cerca de 40% no caudal anual afluente à lagoa). Separada do mar por um cordão dunar litoral, que funciona como barreira arenosa natural, a depressão lacustre funciona como estrutura de contenção do caudal fluvial e tem ligação esporádica ao mar adjacente. A ligação da Lagoa dos Salgados ao Oceano Atlântico está associada a períodos de precipitação muito intensa, em que é ultrapassada a capacidade de armazenamento de água na depressão lacustre.

Esquema ilustrativo da ligação da Lagoa dos Salgados ao oceano (descarga da água da lagoa para o mar).



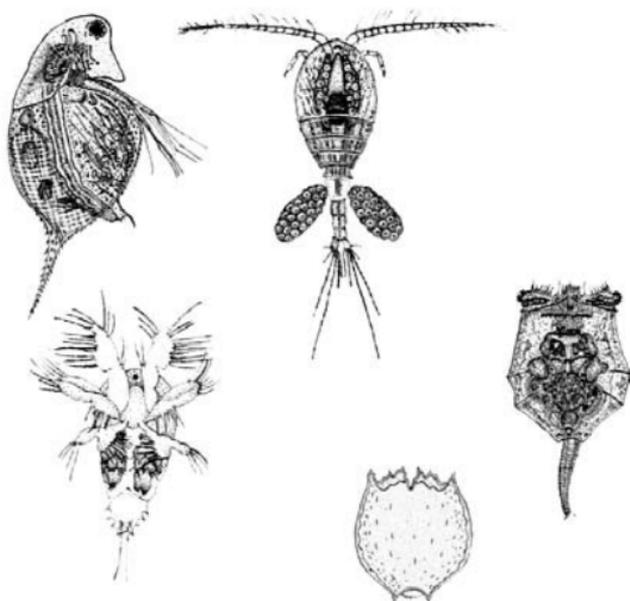
À medida que se foram multiplicando na bacia hidrográfica as fontes de poluição e intervenções antrópicas diversas, foi aumentando a pressão exercida sobre a Lagoa dos Salgados. A redução do volume de armazenamento da lagoa, devido à construção, primeiro, de um campo de aviação e, mais tarde, de um campo de golfe, e a entrada em funcionamento das ETAR de Pêra e da Guia, que descarregam para a Ribeira de Espiche, são os factores que mais contribuíram para a artificialização deste ecossistema aquático.

Os elevados teores de nutrientes dissolvidos na coluna de água e as temperaturas amenas a elevadas favorecem o desenvolvimento de **fitoplâncton**. Muito abundantes nesta lagoa, as microalgas formam florescências ou **blooms** fitoplanctónicos (gran-



Fitoplâncton
(ampliado cerca de 1000 vezes)

des massas algais), típicas de ecossistemas aquáticos muito produtivos (eutróficos), contínuas ao longo de todo o ano. Uma variedade de espécies, desde as unicelulares, coloniais, filamentosas e flageladas, sucedem-se ao longo do ano neste ecossistema, registando-se proliferações sucessivas de espécies cosmopolitas, com alternância de pequenas **Clorofíceas** (microalgas verdes), **Cianofíceas** (microalgas verde-azuis ou cianobactérias) e **Diatomáceas** (microalgas com estrutura siliciosa).



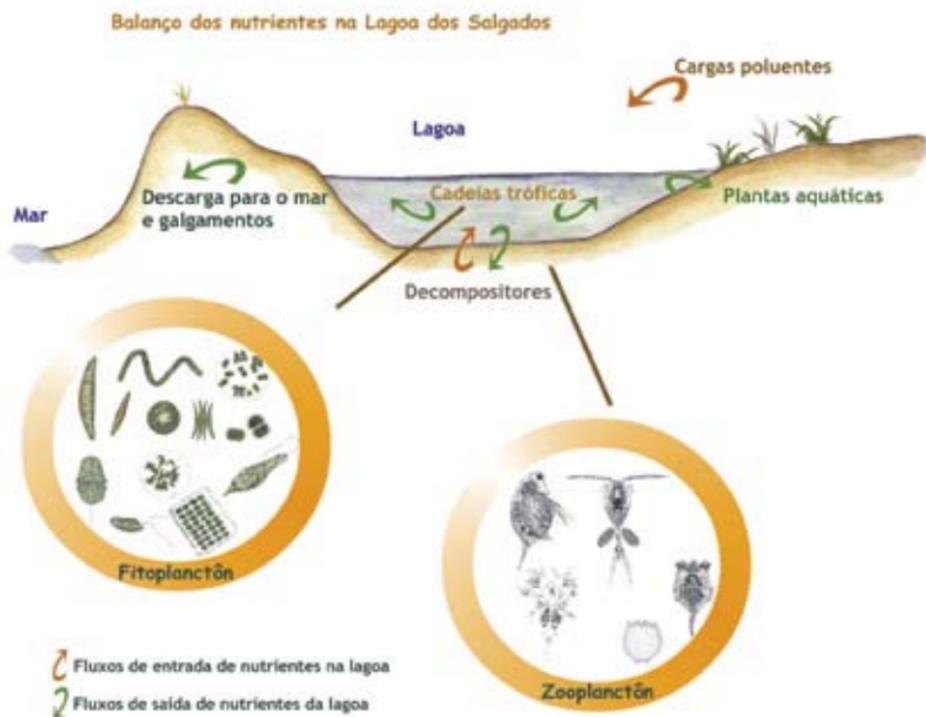
Zooplâncton

(ampliado cerca de 100 vezes)

A **comunidade zooplantónica**, composta por organismos aquáticos de pequenas dimensões, estabelece a ligação entre os produtores primários e os níveis mais elevados das cadeias alimentares. Na Lagoa dos Salgados a evolução da densidade de zooplantontes acompanha a evolução das microalgas, com um ligeiro desfasamento temporal. As alterações na comunidade fitoplanctónica resultam em alterações

estruturais nas cadeias alimentares; nesta lagoa, o zooplâncton é dominado por um reduzido número de espécies de **Rotíferos** e **Cladóceros**, grupos indicadores de sistemas muito produtivos.

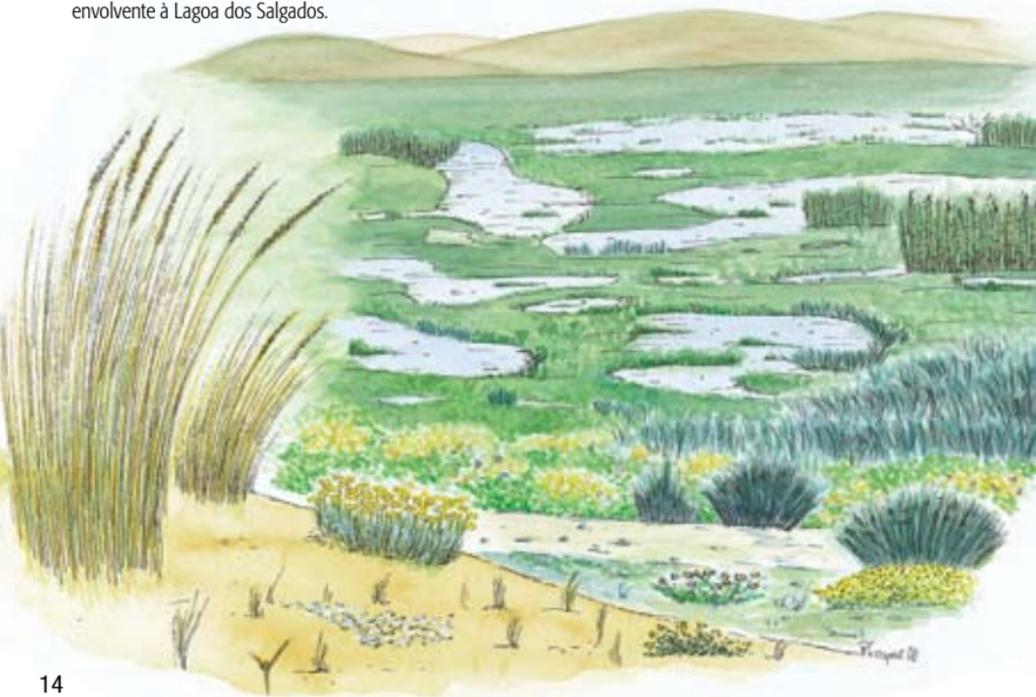
A Lagoa dos Salgados tem baixa transparência da água devido à abundância de matéria orgânica em suspensão. É provável, ainda, que esta água contenha toxinas, especialmente no final do Verão, já que entre as espécies de cianobactérias existentes encontram-se algumas potenciais produtoras de neurotoxinas e hepatotoxinas. Muito degradada, a qualidade da água da Lagoa dos Salgados no estado actual não é aconselhável para banhos ou outros usos recreativos.



ZONA HÚMIDA DOS SALGADOS

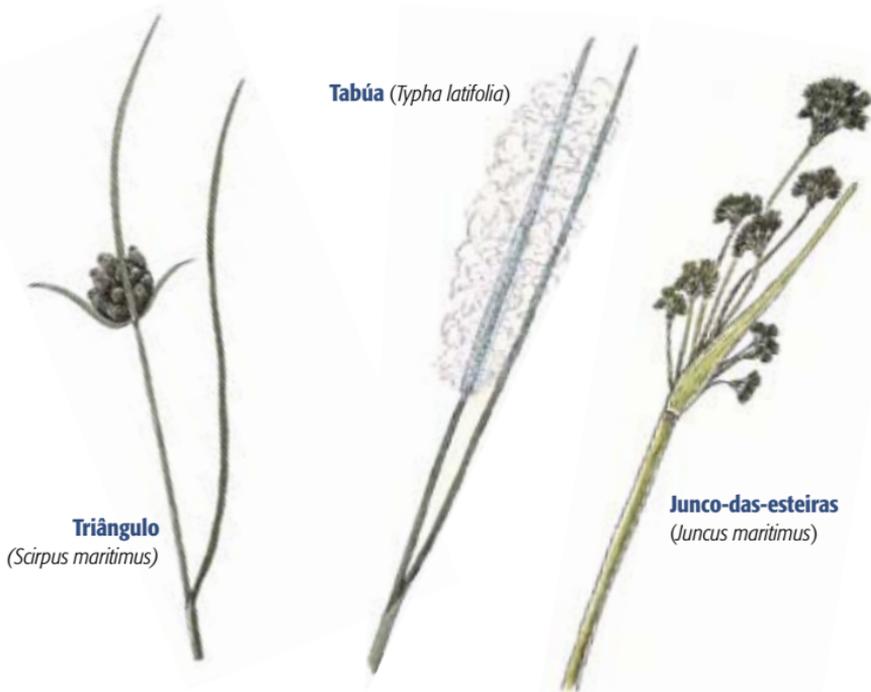
A zona húmida formada pela Lagoa dos Salgados e zona baixa envolvente encontra-se colonizada por densa e variada vegetação típica de água doce e salobra, de zonas alagadas e charcos temporários. Tais características palustres fazem deste sítio um importante habitat para uma grande diversidade de animais, especialmente para aves. Além da abundante vegetação proporcionar abrigo a dezenas de espécies, garante alimento diversificado a animais de níveis tróficos distintos. Ao longo do ano, um elevado número de aves pode aqui ser avistado, notabilizando-se as aves aquáticas. Cerca de 39 espécies de avifauna, entre o total inventariado, apresentam elevado valor conservacionista, estando protegidas ao abrigo da Directiva Aves (Decreto-lei n.º 140/99 de 24 de Abril). Destacam-se o **zarro-castanho** (*Aythya nyroca*) e o **camão**

Ilustração da área alagadiça envolvente à Lagoa dos Salgados.



(*Porphyrio porphyrio*), espécies de protecção prioritária ao abrigo do mesmo diploma legal, considerando-se o camão “em perigo”. De acordo com a legislação nacional e comunitária, a conservação da actual comunidade de avifauna da Lagoa dos Salgados poderia implicar a criação de uma “Zona de Protecção Especial para Aves - ZPE” (Decreto-lei n.º 140/99 de 24 de Abril).

Na comunidade vegetal destaca-se a presença de juncais com **junco-das-esteiras** e **junco-agudo**, que surgem também nos charcos temporários interdunares. Em conjunto com outras juncáceas e ciperáceas também típicas de águas doces e salobras, como o **triângulo** e o **junco-vulgar** (*Scirpus holoschoenus*), desempenham importante papel na alimentação e refúgio da avifauna, bem como na capacidade depuradora desta zona húmida.



Camão (*Porphyrio porphyrio*)



A **tabúia**, uma espécie associada a sistemas palustres e a solos encharcados ou alagadiços, aparece em maciços, confinada às zonas de água doce, na Ribeira de Espiche; também os maciços de *Phragmites australis*, o **caniço**, associado às águas mais salobras, são locais fundamentais para a alimentação e refúgio da avifauna.



Junco-agudo (*Juncus acutus*)

Entre as numerosas espécies de avifauna inventariadas nesta área, destacam-se: o **camão***, residente no local e em fase de recuperação populacional, estando a sua alimentação e reprodução inteiramente associadas aos juncos e caniços, dos quais arrancam facilmente os novos rebentos com os seus dedos longos e ágeis; o **perna-longa***, espécie ameaçada em Portugal, é residente e reprodutora na área; o **colhe-reiro***, uma ave invernante, rara em zonas alagadas do Sul de Portugal; o **galeirão**, uma ave residente na área, e o **corvo-marinho**, grande ave nadadora, invernante comum no litoral português.

* Espécies de aves de interesse comunitário cuja conservação requer a designação de Zonas de Protecção Especial – ZPE, ao abrigo da Directiva Aves.



Corvo-marinho (*Phalacrocorax carbo*)

Galeirão (*Fulica atra*)



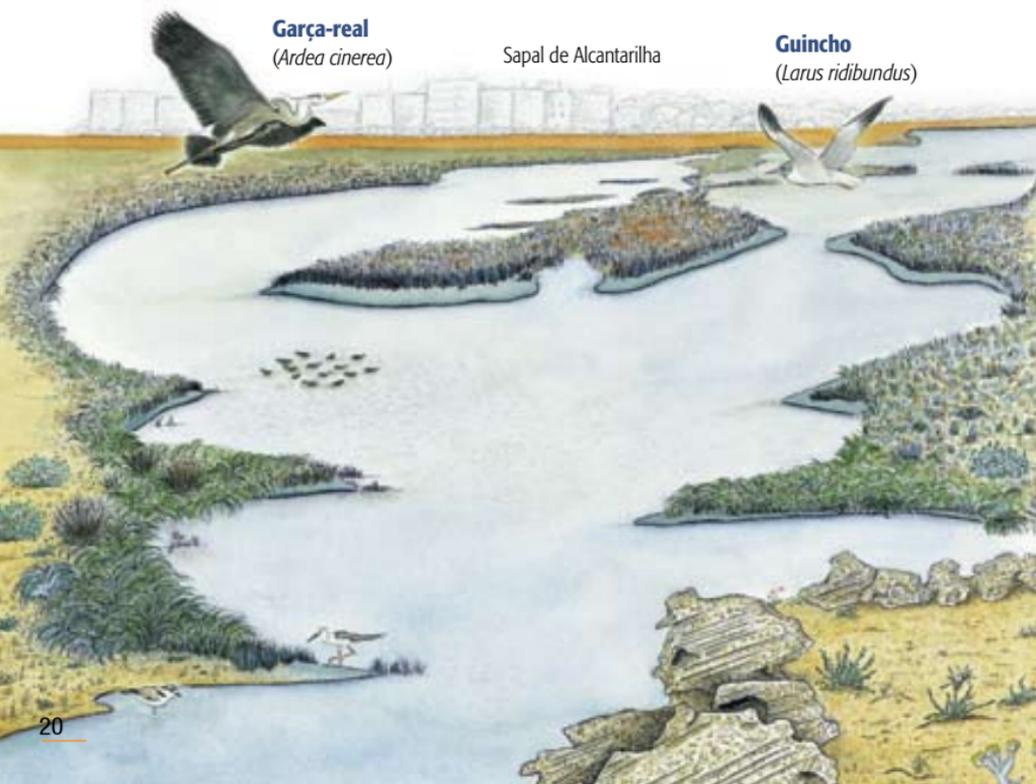
Perna-longa
(*Himantopus himantopus*)



Colhereiro (*Platalea leucorodia*)

FOZ E SAPAL DA RIBEIRA DE ALCANTARILHA

No troço terminal da Ribeira de Alcantarilha, junto à foz, desenvolve-se um ecossistema estuarino-lagunar, que constitui uma zona húmida de extensão considerável. Uma barra muito dinâmica, quase permanente, garante a ligação ao oceano. Nesta zona húmida a comunidade vegetal conjuga elementos florísticos higrófilos (característicos de áreas alagadas), halófilos (adaptados à salinidade) e psamófilos (característicos de sistemas arenosos). Apesar de muito degradada, devido à forte pressão antrópica exercida sobre este sistema, inclui quatro *habitats* costeiros com interesse de conservação: lodaçais e areais a descoberto na maré baixa, prados de *Spartina densiflora*, juncais que formam prados salgados mediterrânicos e matos halófitos com *Sarcocornia fruticosa*.



Garça-real
(*Ardea cinerea*)

Sapal de Alcantarilha

Guincho
(*Larus ridibundus*)

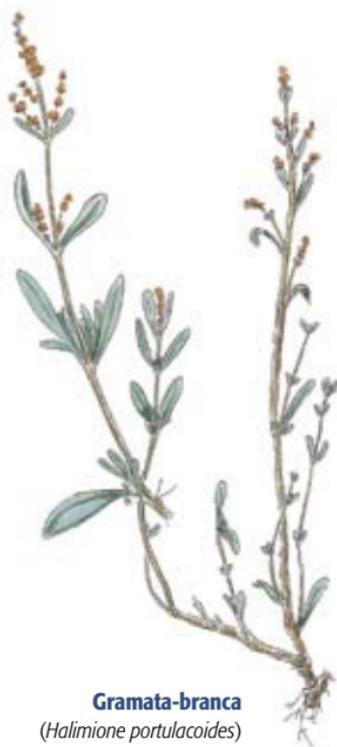
Nas cotas baixas e com pouca água (sapal baixo), dominam *Spartina densiflora*, *Sarcocornia perennis* e o junco-agudo (*Juncus acutus*); a cotas mais elevadas, no sapal médio, dominam *Sarcocornia fruticosa* e *Spergularia maritima*; no sapal médio-alto, a **salgadeira** e a **gramata-branca**. Nas zonas mais elevadas regista-se a presença de *Salsola breviflora* e de *Beta vulgaris*.

Sarcocornia fruticosa é uma planta halófito, suculenta, com ramos articulados, especialmente abundante no sapal alto. A **salgadeira**, é outra planta halófito, de sapal e das arribas litorais. A **gramata-branca**, é uma planta sub-arbustiva de folhas coriáceas e espessas, de solos salinos húmidos, especialmente abundante nas zonas de sapal alto.

Salgadeira
(*Atriplex halimus*)



Sarcocornia fruticosa



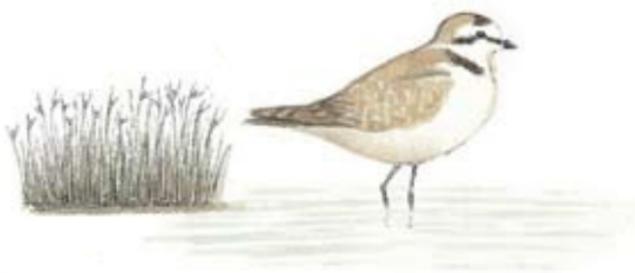
Gramata-branca
(*Halimione portulacoides*)

Observam-se algumas aves que se alimentam nas zonas marginais do sapal: o **borrelho-de-coleira-interrompida** é uma ave residente, comum no litoral português, associada a estuários e águas salobras; o **guincho** é uma invernante comum, especialmente em zonas estuarinas; a **garça-real** é uma grande ave comum na Europa que inverte na região mediterrânica, sendo residente no Algarve.

Para montante (subindo a Ribeira de Alcantarilha) é possível encontrar um *habitat* de características ribeirinhas marcada pela presença de outras espécies, tais como o **guarda-rios** (*Alcedo atthis*) e a **galinha-d'água** (*Gallinula chloropus*).

Borrelho-de-coleira-interromp

(*Charadrius alexandrinus*)



No troço costeiro Armação de Pêra – Salgados, a um areal contínuo sucede-se, para o interior, um vasto campo de dunas de areia. É um cordão dunar robusto, bem vegetado, de dunas móveis, dunas fixas e depressões húmidas intradunares, que liga a barra da Lagoa dos Salgados e a foz da Ribeira de Alcantarilha.

Devido à rápida variação das condições ambientais desde a praia até ao interior das dunas, a vegetação apresenta uma sequência característica. As comunidades vegetais mais junto da praia são pouco definidas e dispersas: dominam o **cardo-lador** (*Eryngium maritimum*) e a **eruca-marítima** (*Cakile maritima*). Devido à grande extensão do perfil dunar, são visíveis várias cristas de duna, grosseiramente paralelas à linha de costa, onde se observam gramíneas edificadoras como o **estorno** (*Ammophila arenaria*) e **feno-das-praias** (*Elymus farctus*).

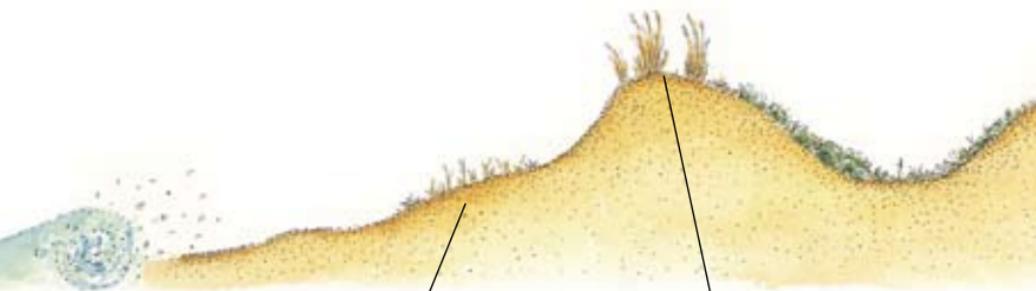
Nas areias das zonas intradunares é possível observar a comunidade subarbusciva típica de areias fixas das dunas secundárias, dominada por plantas prostradas ou de porte amoitado, com sistema radicular curto e folhas geralmente pequenas, como a **luzerna-das-praias** (*Medicago marina*), a **perpétua-das-areias** (*Helichrysum picardii*), o **cravo-das-areias** (*Armeria pungens*) e a **joina-das-praias** (*Ononis variegata*). Nalgumas depressões intradunares mais baixas, formam-se charcos de carácter marcadamente temporário. A vegetação muda gradualmente, definindo juncais psamófilos, geralmente salobros.

Na praia, no topo dos pequenos afloramentos de calcário biogénico, podem encontrar-se espécies de vegetação típica de arribas marinhas, como *Salsola brevifolia*, *Beta vulgaris* subsp. *maritima*, **funcho-marítimo** e *salgadeira*.

O **Funcho-marítimo** (*Crithmum maritimum*) é uma planta carnuda, de aroma intenso, típica dos solos rochosos litorais.



A **eruca-marítima** é uma planta carnuda e uma das poucas espécies pioneiras na colonização vegetal das dunas, sendo aquela que mais frequentemente surge ao longo da linha onde se acumula matéria orgânica (linha de máxima preia-mar). O **narciso-das-praias** é uma planta vistosa, que apresenta grandes flores brancas durante quase todo o Verão e que ocorre associada às cristas das dunas móveis (duna primária).

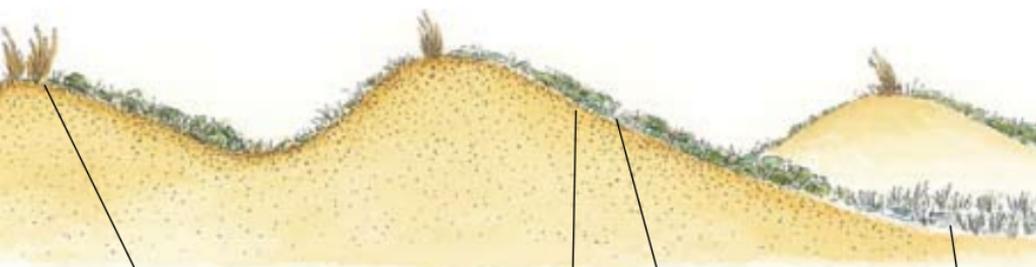


Eruca-marítima
(*Cakile maritima*)



Narciso-das-praias
(*Pancratium maritimum*)

ria). A **luzerna-das-praias** é uma planta rasteira, densamente coberta de pelos, típica das comunidades de dunas secundárias. A **joina-das-praias** é típica das comunidades sub-arbustivas das areias fixas *post-dunares*. A **perpétua-das-areias** é um pequeno arbusto que liberta um intenso aroma a especiarias. Esta planta apresenta inflorescências douradas e surge em areias estabilizadas de comunidades *post-dunares*.



Luzerna-das-praias
(*Medicago marina*)



Joina-das-praias
(*Ononis variegata*)



Perpétua-das-areias
(*Helichrysum picardii*)

Junco-das-esteiras
(*Juncus maritimus*)

Os *habitats* do cordão dunar têm elevado valor conservacionista e estão classificados como “habitats naturais de interesse comunitário cuja conservação exige a designação de zonas especiais de conservação” (Decreto-lei n.º 140/99 de 24 de Abril).

Apesar das dunas serem quentes, áridas e ventosas, várias espécies animais usam estes ecossistemas inóspitos. Uns são atraídos pelas plantas, para se alimentarem e reproduzirem, como os insectos; outros pelas boas condições para a reprodução que o extenso areal oferece, como o **borrelho-de-coleira-interrompida** (*Charadrius alexandrinus*) e a **andorinha-do-mar-anã** (*Sterna albifrons*); outros ainda, pelos charcos temporários que se formam nas depressões húmidas, onde colocam os seus ovos e podem passar parte da vida, como o **sapo** (*Bufo spp.*).



O *Nemoptera bipennis* é um curioso insecto da Ordem Neuroptera, que se pode observar nestes campos dunares durante a Primavera e início do Verão.



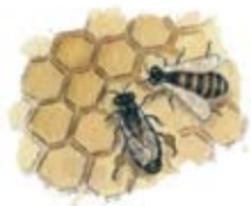
O **garajau-comum** (*Sterna sandvicensis*), espécie invernante em Portugal, utiliza as dunas para repouso, alimentação e nidificação.



Em frente a Armação de Pêra, uma pequena mancha de pinhal povoa o topo de um afloramento da arriba fóssil. Sob os **pinheiros mansos** (*Pinus pinea*), desenvolve-se um subcoberto de matos típicos de barrocal, com a presença da **palmeira-anã**, do **lentisco** (*Pistacia lentiscus*), do **trovisco** (*Daphne gnidium*) e do **espargo-silvestre** (*Asparagus albus*), dominado por um povoamento denso e aromático de **tomilho** (*Thymbra capitata*).



Este **tomilho** é um arbusto baixo, muito aromático devido à presença de óleos essenciais contendo timol, usado em medicina e perfumaria e igualmente muito apreciado pelas **abelhas** para a produção de mel. A **palmeira-anã** é uma das espécies típicas dos matos mediterrânicos, muito frequente na região algarvia.



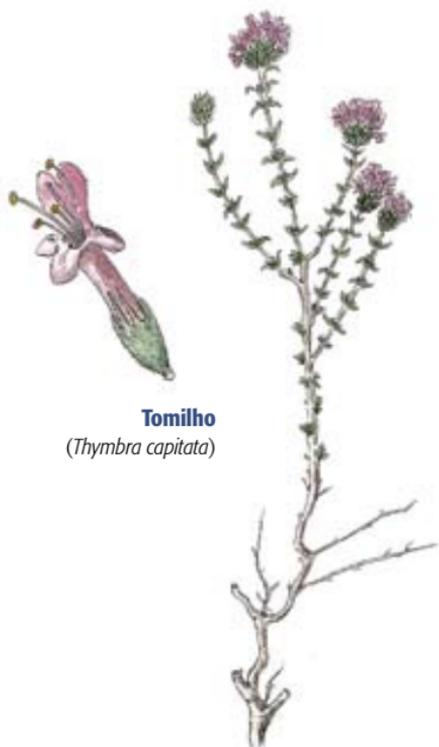
Abelhas
(*Apis mellifera*)

Palmeira-anã
(*Chamaerops humilis*)



Os pinhais constituem as principais manchas florestais do nosso país, ocupando uma área importante da faixa litoral. Esta pequena mancha de pinhal é um vestígio local deste tipo de ecossistema. O pinheiro manso, espécie originária da bacia mediterrânica, prefere solos soltos e arenosos mas adapta-se bem a solos calcários.

Único núcleo de coberto arbóreo denso na área envolvente da Praia Grande, a pequena mancha de pinhal assume importância como local de abrigo especialmente para mamíferos e para o **mocho-galego**, bastante comum em Portugal, que pode ser visto, imóvel, de dia ou de noite. É também escolhido por várias espécies de aves para nidificarem, nomeadamente o **noitibó-de-nuca-castanha** (*Caprimulgus sp.*). O **falcão-peneireiro** é uma ave de rapina, não ameaçada, comum nesta área.



Tomilho
(*Thymra capitata*)



Falcão (*Athene noctua*)



Mocho-galego
(*Falco tinnunculus*)

A extensão de ondulado suave situada entre as zonas húmidas da Ribeira de Alcantarilha e da Lagoa dos Salgados, é de ocupação agrícola tradicional. Searas onde se mistura um estrato herbáceo de plantas silvestres bem desenvolvido, pequenos núcleos arbustivos densos de **lentisco** e algumas **árvores de sequeiro**, alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras, formam esta paisagem agrícola.

Lesma

(*Parmacella valencienni*)



Caracol (*Theba pisana*)



No estrato herbáceo bem desenvolvido de plantas silvestres, destaca-se a presença das **papoilas** (*Papaver rhoeas*), dos **malmequeres** (*Chrysanthemum coronarium*), do **funcho** (*Foeniculum vulgare*) e de outras herbáceas vistosas como *Allium ampeloprasum*, *Borago officinalis*, *Anchusa azurea*, *Convolvus althaeoides*, *Silene* spp. e *Echium plantagineum*.

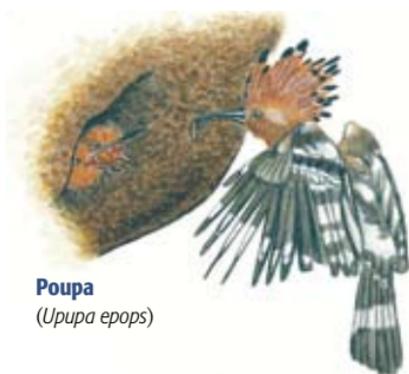
A **alfarrobeira** é uma das espécies arbóreas resistentes à secura e bem adaptada aos solos calcários do Sul de Portugal, que há já muitos séculos faz parte da agricultura tradicional de sequeiro algarvia.

Alfarrobeira

(*Ceratonia siliqua*)



A fauna que se alimenta nos campos agrícolas é diversificada: insetos, moluscos, répteis, aves e mamíferos, partilham este espaço. A **lesma**, endémica da Península Ibérica, e o **caracol**, espécie tipicamente xerófila, de distribuição mediterrânica marítima, são um recurso alimentar abundante e muito nutritivo para as aves. A **águia-de-asa-redonda** é uma das aves de rapina residentes na região, que pode ser observada sobrevoando os campos agrícolas à procura de alimento. A **poupa**, espécie migradora que nidifica e se reproduz em Portugal, é uma ave insectívora. A cadeia alimentar encerra também vários predadores de topo, neste caso a **raposa** e o **saca-rabos** (*Herpestes ichneumon*).



Poupa
(*Upupa epops*)



Águia-de-asa-redonda
(*Buteo buteo*)



Rato-caseiro
(*Mus musculus*)



Raposa
(*Vulpes vulpes*)



CCDR Algarve – Ambiente e Ordenamento
Rua Dr. José de Matos, 13 | 8000-503 Faro
Tel.: +351 289 895 200 | Fax: +351 289 807 623
www.ccdr-alg.pt